



Há santos que parecem pertencer a uma determinada época. E há outros cuja vida, quanto mais tempo passa, mais desconfortavelmente atual se torna.

São Francisco de Assis pertence a este segundo grupo.

Passaram oito séculos desde a sua morte e, no entanto, a sua figura continua a provocar admiração, interrogações e até controvérsias. É apresentado como amante da natureza, amigo dos animais, homem de paz, defensor dos pobres ou precursor de uma determinada sensibilidade ecológica. Tudo isso contém elementos verdadeiros. Mas, se ficarmos apenas por aí, corremos o risco de perder o verdadeiro Francisco.

Porque São Francisco de Assis não foi, antes de mais, um ecologista, um reformador social, um pacifista moderno nem um filantropo.

São Francisco foi um homem conquistado por Jesus Cristo.

E precisamente por isso foi pobre, humilde, penitente, fraterno, amante dos necessitados, pacificador, contemplativo e profundamente unido à criação.

O seu segredo não estava numa ideologia.

Estava no Evangelho.

A sua vida pode ser resumida numa pergunta que continua a ser tremendamente atual:

O que aconteceria se um cristão levasse realmente a sério as palavras de Jesus Cristo?

Francisco tentou responder a esta pergunta com toda a sua existência.

1. Quem foi São Francisco de Assis?

São Francisco nasceu em Assis, na Itália, por volta de 1181-1182, numa família abastada. O seu pai, Pietro Bernardone, era um próspero comerciante de tecidos.

Francisco conheceu desde jovem uma vida confortável. Tinha possibilidades económicas, prestígio social e um futuro aparentemente assegurado.



Mas Deus tinha outros planos.

A sua juventude foi marcada pelo desejo de glória, pela alegria das festas e também pela sua participação nos conflitos militares entre as cidades italianas. Chegou a ser feito prisioneiro e posteriormente sofreu uma doença.

Estas experiências começaram a provocar nele uma transformação interior.

Aquilo que antes lhe parecia atraente começou a perder o seu brilho.

E aquilo que anteriormente lhe causava repulsa começou a adquirir um significado completamente diferente.

Entre as experiências decisivas da sua conversão encontra-se o encontro com os leprosos.

O próprio Francisco recordaria posteriormente que aquilo que antes lhe parecia amargo se transformou, pela graça de Deus, em doçura.

Encontramos aqui já uma das chaves de toda a sua espiritualidade:

a conversão cristã não consiste simplesmente em mudar de ideias; consiste em permitir que Cristo transforme aquilo que amamos, aquilo que tememos e aquilo que somos capazes de oferecer.

2. «O Senhor concedeu-me começar a fazer penitência»

Francisco não se converteu num único dia como consequência de uma emoção passageira.

A sua conversão foi um caminho.

Começou a procurar a oração, a solidão, a penitência e a misericórdia.

Pouco a pouco, foi descobrindo que Cristo o chamava a abandonar uma existência centrada em si mesmo para viver radicalmente o Evangelho.



Um dos acontecimentos decisivos teve lugar diante do Crucifixo de São Damião.

Segundo a tradição franciscana, Francisco ouviu ali o chamamento:

«Francisco, vai e repara a minha Igreja».

Esta frase foi interpretada de muitas maneiras. Mas há algo fundamental que não devemos esquecer.

Francisco não entendeu aquele chamamento como uma autorização para criar uma Igreja diferente.

Não quis fundar uma nova religião.

Não quis separar-se da Igreja.

Não quis tornar-se um reformador independente.

A sua resposta foi viver o Evangelho dentro da Igreja.

De facto, quando a fraternidade começou a crescer, Francisco dirigiu-se a Roma para apresentar ao Papa Inocêncio III a sua forma de vida. Bento XVI sublinhou precisamente este aspeto: Francisco compreendeu que o carisma recebido do Espírito Santo devia ser colocado ao serviço da Igreja, Corpo de Cristo.

Isto é particularmente importante para compreender o verdadeiro santo.

A verdadeira reforma católica começa pela conversão e pela santidade, não pela rutura com a Igreja.

3. O momento decisivo: escutar o Evangelho

Em 1208, Francisco ouviu na igreja de Santa Maria dos Anjos o Evangelho do envio dos Apóstolos.

Cristo enviava os seus discípulos a anunciar o Reino.



Francisco compreendeu que aquelas palavras também podiam ser dirigidas a ele.

E decidiu vivê-las.

Pobreza.

Pregação.

Conversão.

Penitência.

Confiança absoluta na Providência.

Fraternidade.

Amor por Cristo.

Não se tratava, para ele, de admirar o Evangelho.

Tratava-se de **vivê-lo**.

Outros homens começaram a juntar-se a ele e nasceu uma fraternidade.

Em 1209, Francisco dirigiu-se a Roma com os seus primeiros companheiros e apresentou ao Papa o projeto de vida evangélica. O movimento foi crescendo até se tornar uma das grandes famílias religiosas da Igreja.

Encontramos aqui um ensinamento extraordinário para os nossos dias.

Vivemos numa época em que muitas pessoas conhecem palavras cristãs, conceitos teológicos, debates e até controvérsias eclesiais.

Mas São Francisco obriga-nos a formular uma pergunta muito mais simples:

Estou realmente a viver aquilo que digo acreditar?



4. A pobreza de Francisco: muito mais do que viver com pouco

Provavelmente nenhum aspeto da vida de São Francisco foi tão mal compreendido como a sua pobreza.

Francisco não era simplesmente um homem que possuía poucas coisas.

A pobreza franciscana tinha uma dimensão profundamente cristológica.

Francisco queria assemelhar-se a Cristo.

E Cristo, sendo rico, fez-se pobre por nós.

São Paulo exprime isto de maneira extraordinariamente profunda:

«Com efeito, conheceis a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por vós, para vos enriquecer pela sua pobreza.»

2 Coríntios 8,9

A pobreza de Francisco nasce, portanto, da Encarnação.

Deus fez-se homem.

O Verbo eterno assumiu a nossa natureza.

O Filho de Deus quis entrar na nossa pobreza humana.

Francisco quis responder a esse amor através de uma vida de desapego.

Por isso, a sua pobreza não era desprezo pela matéria.

Também não era ódio pelas riquezas.



E muito menos significava que a pobreza material fosse automaticamente uma virtude independentemente da caridade.

A pobreza cristã significa fundamentalmente **não transformar os bens criados no nosso deus.**

5. A pobreza como liberdade

Este ensinamento é tremendamente atual.

A nossa época possui uma quantidade de bens materiais que Francisco jamais poderia ter imaginado.

Temos mais objetos.

Mais informação.

Mais entretenimento.

Mais possibilidades.

Mais capacidade de viajar.

Mais tecnologia.

Mais formas de comunicação.

E, no entanto, o homem contemporâneo pode encontrar-se interiormente escravizado.

Pode ser escravo da aprovação.

Do dinheiro.

Do telefone.

Das redes sociais.



Da imagem.

Do consumo.

Do entretenimento.

Do desejo constante de adquirir algo novo.

São Francisco coloca uma pergunta incómoda:

Somos nós que possuímos as coisas ou são as coisas que nos possuem a nós?

A verdadeira pobreza cristã não consiste necessariamente em viver sem nada.

Consiste em poder dizer:

«Tudo o que possuo vem de Deus e deve ser ordenado para Deus».

6. O encontro com os leprosos: amar Cristo no necessitado

Francisco descobriu algo essencial:

Cristo encontra-se também no pobre, no doente, no marginalizado.

Mas é necessário compreender corretamente esta afirmação.

Francisco não amava o pobre simplesmente porque era pobre.

Amava-o porque via nele uma pessoa criada por Deus e chamada à salvação.

A dignidade do homem não depende da sua utilidade económica.

Não depende da sua inteligência.

Não depende da sua beleza.



Não depende da sua produtividade.

Não depende da sua condição social.

A dignidade humana procede, em última análise, de Deus.

Por isso, a caridade franciscana não pode ser reduzida à filantropia.

A filantropia pode dar alimentos.

A caridade cristã dá alimentos, mas além disso reconhece no necessitado um irmão.

Pode dar dinheiro.

Mas também olha nos olhos.

Pode construir instituições.

Mas também toca a ferida.

Pode defender direitos.

Mas também anuncia a dignidade eterna da pessoa.

7. São Francisco e Cristo crucificado

Se queremos compreender Francisco, devemos olhar para o Crucificado.

Não para o Francisco sentimental.

Não para o Francisco transformado em símbolo cultural.

Não para o Francisco reduzido a protetor dos animais.

Para o Francisco apaixonado por Cristo crucificado.

Em 1224, no monte Alverne, Francisco recebeu os estigmas.



Bento XVI explicou que este acontecimento exprimia a sua íntima identificação com Cristo crucificado.

Os estigmas não constituem simplesmente um fenómeno extraordinário.

Teologicamente, devem ser contemplados dentro do mistério da configuração com Cristo.

São Paulo escreve:

«*Estou crucificado com Cristo; já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.*»

Gálatas 2,20

Francisco quis tornar realidade estas palavras.

Não pretendia simplesmente imitar exteriormente determinados aspetos de Jesus.

Queria que toda a sua existência fosse configurada com Ele.

8. Os estigmas: uma vida configurada com Cristo

Aqui encontramos um profundo ensinamento espiritual.

Todos os cristãos somos chamados a configurar-nos com Cristo.

Mas essa configuração passa pela Cruz.

Não existe santidade autêntica sem conversão.

Não existe conversão sem renúncia.



Não existe caridade perfeita sem sacrifício.

Não existe Ressurreição sem Cruz.

Por isso, a espiritualidade de Francisco não é uma espiritualidade superficialmente alegre.

A sua alegria nasce de ter encontrado Cristo.

E precisamente por isso pode existir mesmo no meio do sofrimento.

A alegria cristã não significa que nunca sofremos.

Significa que o sofrimento já não tem a última palavra.

A última palavra pertence a Cristo.

9. «A perfeita alegria»

Um dos grandes tesouros da espiritualidade franciscana é o ensinamento sobre a **perfeita alegria**.

Francisco explica aos seus irmãos que a verdadeira alegria não depende das circunstâncias exteriores.

Podemos ter sucesso e não ser felizes.

Podemos ter dinheiro e não ter paz.

Podemos ser reconhecidos e sentir-nos profundamente vazios.

Podemos possuir muitas coisas e carecer de Deus.

A perfeita alegria tem outro fundamento:

Cristo.

Por isso, Francisco podia aceitar incompreensões, dificuldades, humilhações e sofrimentos



sem abandonar a esperança.

A alegria cristã não é ingenuidade.

É fruto da caridade.

10. São Francisco e a humildade

Francisco compreendeu algo que a nossa cultura tem enormes dificuldades em aceitar:

não somos Deus.

Parece uma afirmação evidente.

No entanto, grande parte da cultura contemporânea está construída em torno da autonomia absoluta do indivíduo.

«Eu decido».

«Eu determino».

«Eu sou a medida».

«Eu estabeleço a minha verdade».

O Evangelho propõe algo completamente diferente.

O homem é criatura.

Deus é Criador.

O homem recebe.

Deus dá.

O homem depende.



Deus é absoluto.

Esta dependência não constitui uma humilhação do homem.

Pelo contrário.

Reconhecer que somos criaturas é recuperar a nossa verdadeira dignidade.

A humildade franciscana não consiste em pensar que não valem nada.

Consiste em saber que todo o bem que temos foi recebido.

11. «Bem-aventurados os pobres»

Jesus proclama:

«Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.»

Lucas 6,20

Esta frase não deve ser interpretada como uma glorificação da miséria.

A Igreja não ensina que a pobreza material seja boa enquanto sofrimento.

O cristão deve combater a miséria, a injustiça e a exclusão.

Mas Jesus revela algo muito mais profundo:

o coração que reconhece a sua dependência de Deus está preparado para receber o Reino.

Francisco compreendeu radicalmente este ensinamento.

A sua pobreza era uma forma de disponibilidade.



Ao não viver centrado na posse, podia entregar-se.

Ao não estar preocupado em acumular, podia partilhar.

Ao não procurar prestígio, podia servir.

12. São Francisco e a Igreja

Este ponto merece especial atenção.

Por vezes, Francisco foi apresentado como se tivesse sido uma espécie de revolucionário em conflito com a Igreja institucional.

Não foi assim.

Francisco amou profundamente a Igreja.

Amou os sacramentos.

Amou o sacerdócio.

Amou o Papa.

Amou a pregação.

Amou a liturgia.

E quis que o seu movimento permanecesse dentro da Igreja.

A sua reforma não consistiu em dizer:

«A Igreja está errada e eu tenho uma Igreja melhor».

Consistiu em dizer:

«Preciso de me converter e viver o Evangelho».



Aqui encontramos uma enorme lição pastoral.

A Igreja precisa continuamente de renovação.

Mas a renovação autenticamente católica não consiste em inventar outro cristianismo.

Consiste em regressar a Cristo.

13. São Francisco e a Eucaristia

A espiritualidade franciscana é profundamente eucarística.

Francisco contemplava com enorme reverência o mistério de Cristo tornado presente na Eucaristia.

A sua admiração perante a Encarnação prolongava-se na sua admiração diante do Sacramento.

O mesmo Cristo que assumiu a carne em Belém torna-se realmente presente sob as espécies sacramentais.

Por isso, Francisco exortava os sacerdotes e os fiéis a tratar com enorme reverência o Santíssimo Sacramento.

Aqui encontramos uma correção importante perante uma espiritualidade reduzida à natureza.

O centro de Francisco não era a natureza.

O centro era Cristo.

E Cristo está verdadeiramente presente na Eucaristia.

A criação conduz ao Criador.

A pobreza conduz a Cristo.



A fraternidade conduz a Cristo.

A caridade conduz a Cristo.

A oração conduz a Cristo.

E a Eucaristia introduz-nos sacramentalmente no mistério de Cristo.

14. São Francisco e a Virgem Maria

Francisco tinha uma profunda devoção à Santíssima Virgem.

A Porciúncula, lugar decisivo na sua vida, era dedicada a Santa Maria dos Anjos.

Francisco via em Maria o modelo perfeito da criatura totalmente disponível a Deus.

Maria tinha dito:

| *«Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra.»*

Lucas 1,38

Francisco quis viver esta mesma disponibilidade.

Não se colocar à frente de Deus.

Não impor a sua vontade.

Não procurar a sua própria glória.

Mas dizer:

«Senhor, que queres que eu faça?»

Esta deveria ser também uma das perguntas fundamentais de todo o cristão.



15. São Francisco e Santa Clara

A história de Francisco não pode ser plenamente compreendida sem Santa Clara de Assis.

Clara nasceu também em Assis, numa família nobre, mas ficou profundamente impressionada com a pregação e o exemplo de Francisco.

Renunciou a uma vida confortável e iniciou um caminho de consagração a Deus.

Desta experiência nasceu a Segunda Ordem Franciscana, as Irmãs Pobres, conhecidas posteriormente como Clarissas.

A relação espiritual entre Francisco e Clara constitui um dos mais belos exemplos de como um carisma pode suscitar diferentes formas de vocação.

Não se tratava de copiar mecanicamente uma vida.

Tratava-se de responder ao mesmo Cristo a partir de diferentes vocações.

16. Os franciscanos e a evangelização

O movimento franciscano teve uma enorme importância na evangelização da Europa e posteriormente do mundo.

Os irmãos foram enviados a pregar.

Mas a pregação franciscana não devia reduzir-se a discursos.

A própria vida devia converter-se em anúncio.

Esta é uma questão extraordinariamente atual.

O mundo contemporâneo não precisa apenas de cristãos capazes de discutir.



Precisa de cristãos capazes de viver.

Pessoas que rezem.

Pessoas que sirvam.

Pessoas que perdoem.

Pessoas honestas.

Pessoas que amem as suas famílias.

Pessoas que saibam sacrificar-se.

Pessoas que saibam pedir perdão.

Pessoas que vivam sem vergonha a sua fé.

A santidade é também uma forma de evangelização.

17. São Francisco, a paz e o famoso «Paz e Bem»

Francisco está profundamente associado à paz.

Mas aqui devemos fazer uma importante precisão teológica.

A paz franciscana não é simplesmente ausência de conflitos.

Também não é uma espécie de harmonia cósmica.

Muito menos é uma conceção panteísta segundo a qual Deus e a natureza seriam uma mesma realidade.

A paz de Francisco é **a paz de Cristo**.



Cristo disse:

| «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz.»

João 14,27

Esta é a paz que Francisco quis receber.

E esta é a paz de que também nós precisamos.

18. Paz interior antes da paz exterior

É impossível construir uma verdadeira paz social se o coração humano está dominado pelo ódio, pela soberba, pela avareza e pelo ressentimento.

A paz começa dentro.

Mas não termina dentro.

O cristão pacificado torna-se pacificador.

Por isso, Francisco não se limita a pedir que não haja guerras.

Convida-nos a perguntar:

Sou eu causa de paz?

Na minha família?

No meu casamento?

No meu trabalho?

Na minha paróquia?



Na Internet?

Nas redes sociais?

Nas discussões políticas?

Nas discussões religiosas?

Nas conversas com aqueles que pensam de maneira diferente?

Pode ser relativamente simples falar de paz em abstrato.

É muito mais difícil calar uma palavra ofensiva.

Perdoar.

Não responder a uma ofensa.

Reconhecer um erro.

Pedir perdão.

Renunciar a ter sempre a última palavra.

É aí que começa a verdadeira paz cristã.

19. São Francisco e a criação

Chegamos aqui a um dos aspetos pelos quais Francisco é mais conhecido atualmente.

O santo de Assis contemplava a criação com profundo assombro.

O sol.

A lua.

A água.



O fogo.

A terra.

Os animais.

Tudo podia tornar-se para ele uma ocasião de louvor ao Criador.

Mas é fundamental compreender corretamente esta espiritualidade.

Francisco não adorava a natureza.

Adorava Deus.

A natureza era criatura.

Deus era o Criador.

Precisamente porque amava o Criador, podia contemplar as criaturas com gratidão.

Este ponto é teologicamente decisivo.

A fé católica rejeita tanto o desprezo da criação como a sua divinização.

Nem materialismo.

Nem panteísmo.

Criação.

Deus é Deus.

A criatura é criatura.

E precisamente porque procede de Deus, possui uma dignidade e uma ordem que merecem respeito.



20. O Cântico das Criaturas

Francisco expressou esta visão especialmente no célebre **Cântico das Criaturas**.

«Laudato si', mi Signore».

«Louvado sejas, meu Senhor».

Não começa por dizer:

«Louvada seja a natureza».

Começa por louvar **Deus**.

Esta diferença muda tudo.

O universo não é Deus.

O sol não é Deus.

A terra não é Deus.

Os animais não são Deus.

O homem também não é Deus.

Tudo procede de Deus.

E tudo deveria conduzir a Deus.

Por isso, a criação pode tornar-se uma verdadeira escola de contemplação.

21. São Francisco e a ecologia integral

Nos últimos tempos, a figura de Francisco adquiriu ainda maior relevância por causa da questão ecológica.



A encíclica *Laudato si'* apresentou expressamente São Francisco como modelo de cuidado da criação, ligando esse cuidado à atenção aos pobres, à paz, à justiça e à sobriedade.

E esta ligação é importante.

A espiritualidade franciscana não propõe simplesmente:

«É preciso proteger as árvores».

A sua visão é mais profunda.

Pergunta:

Que tipo de homem estamos a construir?

Porque uma pessoa dominada pela avareza pode destruir a natureza.

Mas também pode destruir as relações humanas.

Pode explorar trabalhadores.

Pode desprezar os idosos.

Pode utilizar os outros como instrumentos.

Pode transformar tudo em mercadoria.

Por isso, o problema ecológico tem também uma raiz espiritual.

22. «Menos é mais»

Aqui aparece um dos ensinamentos franciscanos mais necessários para a nossa época.

Não precisamos necessariamente de mais.

Precisamos de aprender a **precisar de menos**.



A sobriedade cristã não é tristeza.

É liberdade.

Uma pessoa que precisa constantemente de comprar, atualizar, consumir, acumular ou exhibir pode tornar-se escrava dos seus próprios desejos.

Francisco mostra outro caminho:

receber, agradecer, utilizar, partilhar e desapegar-se.

A vida não se mede pela quantidade de coisas que possuímos.

Mede-se pelo amor com que vivemos.

23. São Francisco perante a cultura do descarte

A nossa sociedade corre o risco de valorizar as pessoas segundo a sua utilidade.

Enquanto és produtivo, és importante.

Quando envelheces, podes tornar-te um peso.

Quando estás doente, podes ser visto como um problema.

Quando és pobre, podes ser invisível.

Quando não produzes, podes ser descartado.

O olhar de Francisco é radicalmente diferente.

O leproso não é um objeto.

O pobre não é um incómodo.



O doente não é um peso.

O idoso não é inútil.

O ser humano possui uma dignidade que não provém daquilo que produz.

Provém de Deus.

Por isso, a caridade cristã deve começar precisamente onde termina a lógica utilitarista.

24. São Francisco e a morte

Talvez um dos aspetos mais impressionantes da sua vida seja a sua relação com a morte.

Francisco chamou à morte:

«irmã morte corporal».

Pode parecer estranho numa cultura que tenta evitar até pronunciar a palavra.

Mas Francisco não contemplava a morte como uma derrota absoluta.

Contemplava-a a partir de Cristo.

O cristão não acredita na morte como destino último.

Acredita na Ressurreição.

São Paulo escreve:

«Se morremos com Cristo, acreditamos que também viveremos
com Ele.»

Romanos 6,8



Francisco morreu a 3 de outubro de 1226, na Porciúncula.

Morreu deitado sobre a terra nua, depois de abençoar os seus irmãos.

A sua morte recebeu na tradição franciscana o nome de **Trânsito**.

Não simplesmente «morte».

Trânsito.

Passagem.

Entrada na vida eterna.

25. Quando se celebra São Francisco de Assis?

A festa litúrgica de **São Francisco de Assis celebra-se a 4 de outubro**.

O seu trânsito ocorreu na tarde de **3 de outubro de 1226**, enquanto a celebração litúrgica da sua festa corresponde ao dia seguinte.

A tradição franciscana conserva de modo particular a celebração do **Trânsito de São Francisco** no dia 3 de outubro e a sua festa no dia 4.

Portanto:

3 de outubro: Trânsito de São Francisco.

4 de outubro: Festa de São Francisco de Assis.

O calendário litúrgico coloca assim a memória do santo imediatamente depois de contemplar a sua entrada na vida eterna.

É profundamente significativo.

A Igreja não celebra simplesmente a biografia de um homem admirável.



Celebra um cristão que terminou a sua peregrinação terrena e alcançou, pela graça de Deus, a pátria celeste.

26. O significado espiritual do dia 4 de outubro

O dia 4 de outubro não deveria ser apenas uma data para felicitar aqueles que se chamam Francisco.

Também não deveria transformar-se simplesmente no dia dos animais.

É uma oportunidade para contemplar uma das grandes perguntas cristãs:

O que significa seguir Jesus Cristo?

Francisco responde:

Pobreza.

Humildade.

Penitência.

Oração.

Caridade.

Eucaristia.

Fraternidade.

Evangelização.

Cruz.

Alegria.

Paz.



Desapego.

Amor a Deus.

Amor ao próximo.

E esperança da vida eterna.

27. 2026: o VIII Centenário do trânsito de São Francisco

Este ano de 2026 tem uma importância extraordinária.

Celebram-se **800 anos do trânsito de São Francisco de Assis.**

A Santa Sé estabeleceu um Ano Jubilar especial de **10 de janeiro de 2026 a 10 de janeiro de 2027**, por ocasião do VIII Centenário. A Penitenciaria Apostólica concedeu também a indulgência plenária correspondente, sob as condições estabelecidas.

Não se trata de uma simples comemoração histórica.

A Igreja propõe voltar a olhar para Francisco para recuperar algo essencial:

o Evangelho vivido com radicalidade.

O Papa Leão XIV, ao inaugurar este centenário, recordou que Francisco encontrou em Cristo a fonte da verdadeira paz e apresentou-o como testemunha de reconciliação e concórdia num mundo marcado por conflitos e divisões.

Portanto, este VIII Centenário constitui uma magnífica ocasião para redescobrir o santo.

Não apenas para o admirar.

Mas para o imitar.



28. Uma indulgência não é um «prémio» por visitar um lugar

Neste contexto, convém explicar algo importante segundo a doutrina católica.

A indulgência não significa que possamos «comprar» o perdão de Deus.

O pecado grave necessita da graça de Deus e, quando corresponde, da absolvição sacramental no sacramento da Penitência.

A indulgência refere-se à remissão diante de Deus da pena temporal devida pelos pecados cuja culpa já foi perdoada, segundo a doutrina da Igreja.

O decreto da Penitenciaria Apostólica para este Ano de São Francisco estabelece a indulgência plenária nas condições habituais, incluindo a confissão sacramental, a comunhão eucarística e a oração pelas intenções do Santo Padre, além das obras indicadas para este jubileu.

É, portanto, uma ocasião de graça.

Mas exige conversão.

29. O que pode São Francisco ensinar-me hoje?

Aqui chegamos à questão fundamental.

Porque podemos estudar Francisco durante horas e não mudar absolutamente nada.

A pergunta não é apenas:



«O que fez Francisco?»

A pergunta é:

«O que quer Deus que eu faça depois de conhecer a sua vida?»

Primeiro ensinamento: volta a Cristo

Francisco não começou por reformar o mundo.

Começou por deixar que Cristo reformasse o seu coração.

A santidade começa sempre aí.

Antes de mudar os outros, devemos permitir que Deus nos mude a nós.

Segundo ensinamento: recupera a oração

Francisco foi um homem de oração.

Vivemos rodeados de ruído.

Ecrãs.

Notícias.

Mensagens.

Redes sociais.

Opiniões.

Vídeos.

Discussões.



Informação.

Mas a alma precisa de silêncio.

Um cristão que nunca permanece sozinho diante de Deus dificilmente poderá conhecer profundamente a vontade de Deus.

Recuperemos o silêncio.

Recuperemos a adoração.

Recuperemos a oração pessoal.

Recuperemos o Rosário.

Recuperemos a meditação do Evangelho.

Recuperemos a confissão.

Recuperemos a Eucaristia.

Terceiro ensinamento: aprende a desapegar-te

Não é necessário abandonar imediatamente todos os nossos bens.

Mas devemos perguntar-nos:

De que sou escravo?

O que não estou disposto a entregar a Deus?

Que coisa ocupa demasiado espaço no meu coração?

Que posse, hábito, ambição ou necessidade de reconhecimento domina a minha vida?

Francisco ensina que a liberdade começa quando deixamos de precisar de tantas coisas para nos sentirmos alguém.



Quarto ensinamento: olha para o pobre

Não passes ao lado.

Não reduzas o necessitado a um número.

Olha para ele.

Escuta-o.

Ajuda-o.

E, quando for possível, estabelece uma verdadeira relação humana.

A caridade não consiste apenas em dar.

É amar.

Quinto ensinamento: faz a paz

Talvez este seja um dos ensinamentos mais difíceis.

Pensa em alguém com quem estás em conflito.

Alguém que não perdoas.

Alguém que te fez mal.

Alguém a quem tu fizeste mal.

Pergunta a Deus:

«Senhor, o que posso fazer para que comece a reconciliação?»

Pode ser necessário falar.



Pode ser necessário pedir perdão.

Pode ser necessário perdoar.

Pode ser necessário guardar silêncio durante algum tempo.

Mas o cristão não pode amar a guerra interior.

30. Também devemos aprender do seu amor pela criação

Podemos recuperar algo tão simples como agradecer.

Dar graças pela água.

Pelo alimento.

Pelo sol.

Pela chuva.

Pelo campo.

Pelos animais.

Por uma conversa.

Por uma família.

Pela vida.

Mas, sobretudo:

dar graças a Deus.

Porque o cristão não termina na criatura.



Sobe da criatura ao Criador.

Como recorda a Escritura:

«Desde a criação do mundo, a sua realidade invisível — o seu eterno poder e divindade — tornou-se visível à inteligência através das suas obras.»

Romanos 1,20

A criação pode assim tornar-se uma catequese silenciosa.

31. São Francisco não foi um sentimental

Este ponto merece ser sublinhado.

Por vezes, Francisco foi transformado numa figura amável, simpática e quase infantil.

O santo que falava com os pássaros.

O santo que amava os animais.

O homem sorridente que amava a natureza.

Tudo isso é atraente.

Mas é incompleto.

O verdadeiro Francisco foi muito mais radical.

Foi um penitente.

Um homem de jejum.



Um homem de oração.

Um homem que abraçou os leprosos.

Um homem que renunciou às riquezas.

Um homem marcado pela Cruz.

Um homem que recebeu os estigmas.

Um homem que sofreu.

Um homem que pregou a conversão.

Um homem que quis obedecer à Igreja.

Um homem que desejou imitar Cristo até ao extremo.

Por isso, não devemos domesticar Francisco.

O verdadeiro Francisco incomoda.

Porque nos pergunta a que estamos dispostos a renunciar por Cristo.

32. O Francisco de que o mundo atual precisa

Vivemos numa sociedade tecnologicamente avançada, mas espiritualmente desorientada.

Temos instrumentos extraordinários, mas nem sempre sabemos para que viver.

Podemos comunicar instantaneamente com alguém que está do outro lado do planeta e, ao mesmo tempo, sentir-nos incapazes de falar com a pessoa que temos ao nosso lado.

Podemos armazenar quantidades imensas de informação e, no entanto, não saber responder às perguntas fundamentais:

Quem sou?



Por que existo?

Para que vivo?

O que é o bem?

O que é a verdade?

O que acontece depois da morte?

Francisco oferece uma resposta extraordinariamente simples:

Deus.

Deus é o princípio.

Deus é o fim.

Cristo é o caminho.

A Igreja é a família espiritual.

A caridade é o modo de viver.

A Cruz é o caminho.

A Ressurreição é a esperança.

33. A verdadeira «revolução» de São Francisco

Francisco foi revolucionário, mas não no sentido ideológico moderno.

A sua revolução consistiu em algo muito mais profundo:

levar o Evangelho a sério.

Num mundo obcecado pela posse, escolheu a pobreza.



Num mundo obcecado pelo prestígio, escolheu a humildade.

Num mundo marcado pela violência, anunciou a paz.

Num mundo que rejeitava o leproso, abraçou-o.

Num mundo centrado no poder, escolheu servir.

Num mundo dominado pela preocupação com o amanhã, confiou na Providência.

Num mundo que podia transformar a religião numa questão social, colocou Cristo no centro.

Isto continua a ser revolucionário.

34. O que significa realmente ser «franciscano»?

Não significa simplesmente amar os animais.

Não significa simplesmente vestir-se pobremente.

Não significa simplesmente defender o meio ambiente.

Não significa simplesmente falar de paz.

Não significa simplesmente trabalhar com pessoas necessitadas.

Tudo isso pode fazer parte de uma autêntica espiritualidade franciscana.

Mas o fundamento é outro:

seguir Cristo pobre, humilde, crucificado e ressuscitado.

Se retirarmos Cristo, fica uma estética.

Se retirarmos o Evangelho, fica uma ideologia.



Se retirarmos a Igreja, fica um movimento cultural.

Se retirarmos a Cruz, fica sentimentalismo.

Mas quando Cristo permanece no centro, tudo adquire o seu verdadeiro significado.

35. Uma oração inspirada em São Francisco

Neste dia podemos fazer uma oração muito simples:

«Senhor Jesus Cristo,

torna o meu coração pobre e livre.

Ensina-me a não viver escravo das coisas.

Dá-me humildade para reconhecer os meus pecados.

Dá-me força para me converter.

Dá-me caridade para servir os pobres.

Dá-me paciência para perdoar.

Dá-me coragem para pedir perdão.

Dá-me amor pela tua Igreja.

Dá-me reverência diante da Eucaristia.

Dá-me amor pela Santíssima Virgem.

Dá-me respeito e gratidão pela tua criação.

Faz de mim instrumento da tua paz.

E quando chegar a minha hora,



concede-me receber a morte

não como uma derrota,

mas como o trânsito para Ti.

Por intercessão de São Francisco de Assis,

concede-me viver o Evangelho

com humildade, alegria e fidelidade.

Ámen.»

36. Conclusão: voltar ao essencial

São Francisco de Assis morreu há oitocentos anos.

Mas não pertence ao passado.

Pertence à Igreja de todos os tempos.

A sua vida continua a falar-nos porque o Evangelho que ele quis viver não envelheceu.

Cristo continua a dizer:

«Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá-o aos pobres e
terás um tesouro no céu; depois vem e segue-Me.»

Mateus 19,21

Nem todos somos chamados a reproduzir materialmente a vida de Francisco.

Nem todos somos chamados a entrar numa ordem religiosa.



Nem todos somos chamados a viver num eremitério.

Nem todos somos chamados a abandonar as nossas profissões, famílias ou responsabilidades.

Mas todos somos chamados a escutar a voz de Cristo.

Todos somos chamados à santidade.

Todos somos chamados à conversão.

Todos somos chamados a amar.

Todos somos chamados a desapegar-nos daquilo que nos separa de Deus.

Todos somos chamados a carregar a nossa cruz.

Todos somos chamados a procurar a paz.

Todos somos chamados a viver na Igreja.

E todos somos chamados a terminar o nosso caminho com a esperança colocada na vida eterna.

Francisco compreendeu que a grandeza do cristão não consiste em ser importante aos olhos dos homens.

Consiste em pertencer completamente a Deus.

Por isso continua atual.

Por isso continua incómodo.

Por isso continua necessário.

E por isso, oitocentos anos depois do seu trânsito, a Igreja volta a colocar os nossos olhos sobre ele.

Não para que simplesmente admiremos o santo.

Mas para que aprendamos com ele a olhar para Cristo.



Porque, no fim, esta foi toda a vida de Francisco:

deixar tudo para encontrar Cristo, e encontrar em Cristo a verdadeira riqueza.

E talvez esta seja também a pergunta que neste dia 4 de outubro deveria permanecer a ressoar no nosso coração:

O que deveria eu abandonar para seguir mais fielmente Jesus Cristo?

São Francisco de Assis,
rogai por nós.

São Francisco, pobre e humilde,
rogai por nós.

São Francisco, apaixonado por Cristo crucificado,
rogai por nós.

São Francisco, amante da Igreja,
rogai por nós.

São Francisco, irmão dos pobres,
rogai por nós.

São Francisco, instrumento da paz de Cristo,
rogai por nós.

São Francisco, modelo de penitência e conversão,
rogai por nós.

São Francisco, testemunha da perfeita alegria,
rogai por nós.

São Francisco de Assis,
rogai por nós e ensinai-nos a viver o Evangelho.